

Glifosato: Defensivo ou veneno?



Vendida como a salvação da agricultura, do meio ambiente e da saúde, a soja transgênica, por meio de seus lobbys conseguiu ampliar o limite máximo de resíduos (LRM) do glifosato de 0,2 miligrama por quilo para 10 miligramas por quilo. Essa variedade de soja foi lançada, justamente por permitir que esse "defensivo" pudesse ser aplicado na plantação, preservando a produtividade, às custas da biodiversidade. A transgenia em si apresenta seus problemas, mas, do ponto de vista do solo, aborda-se aqui o uso dos supostos defensivos, que na realidade são venenos, agentes poluidores do meio, além de depredadores da biodiversidade.

Pesquisadores de diversas universidades e do Governo do Paraná estão se preocupando quanto à consequência deste aumento de resíduos tóxicos

no ambiente e na saúde humana. O aumento no uso do glifosato tem ocorrido porque, apesar da promessa das empresas que produzem o veneno, de este ser imbatível, estudos independentes apontam que várias ervas daninhas estão se tornando resistentes ao herbicida Roundup Ready (GREENPEACE, 2010), o que leva os agricultores a aumentarem o uso do agrotóxico para obter melhor resultado.

Dados do Governo do Paraná afirmam que o número de aplicações de herbicida na soja transgênica é 16% maior que na soja convencional. A quantidade de litros de herbicida por hectare aplicado na soja transgênica chega a ser 248% maior do que na soja convencional.

Todo esse veneno se acumula nos solos agricultáveis, causando resistência de diversas "pragas", acarretando mais uso do veneno, que polui mais o meio, o solo, a flora, a fauna, o ar, as águas.

Nem todas as espécies, no entanto, tornam-se resistentes ao glifosato, havendo, não apenas nas lavouras, mas no entorno destas, uma perda de biodiversidade (nada mais morto uma que linda lavoura de soja). E o veneno é conduzido pela circulação da água e pela circulação atmosférica e pelas cadeias alimentares dos ecossistemas dos locais de sua aplicação, podendo causar efeitos como a redução da natalidade e da fecundidade das espécies atingidas, direta ou indiretamente.

E parte do veneno fica no solo, sendo que seus efeitos podem gerar resultados por longos períodos, comprometendo ações de recuperação ambiental. Será que já calculam o custo para limpar o meio ambiente dos "defensivos" que se aplicam na produção agrícola?

Marlise Sózio Vitcel

Pós-Graduada em Gestão Ambiental

Fábio Lemes

Professor Universitário